

Análise dos usos de orações iniciadas por [só que] no português brasileiro

Dennis Castanheiraⁱ

Maria Maura Cezarioⁱⁱ

Raquel Cardoso Britoⁱⁱⁱ

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral discutir os usos de orações com [só que] a partir dos pressupostos teóricos da Linguística (Funcional) Centrada no Uso, abordagem que considera aspectos sociais, pragmáticos, cognitivos e estruturais em suas análises. Os dados da pesquisa foram coletados a partir do Corpus Discurso & Gramática e foram analisados a partir de três fatores: modalidades (fala ou escrita), graus de escolaridade e papéis discursivos. Os resultados demonstram que o uso mais frequente ocorre na modalidade oral de falantes do (antigo) 1º Grau e que a construção é multifuncional, contribuindo para expressar quebra de expectativas, ênfase, progressão textual, dentre outras funções.

Palavras-chave: Orações com conectivo [só que]; Abordagem funcionalista da Linguística; Multifuncionalidade.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the uses of clauses with the connector [só que] [however] based on the theoretical assumptions of Usage-Based Linguistics, a theoretical approach that considers structural, cognitive, social and pragmatic aspects in its analysis. We obtained the data from *Corpus Discurso & Gramática* and analyzed them according to three factors: (oral or written) modality, degrees of education and discursive functions. The results of our research show that the most frequent use of the connector occurs in the

ⁱ Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Professor Adjunto de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense (UFF), atuando na graduação e na pós-graduação. É pesquisador do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto e do Grupo de Estudos Discurso & Gramática.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9091-5936> | denniscastanheira@gmail.com

ⁱⁱ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), possui pós-doutorado na Universidade de Edimburgo e na UFRN. É Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando na Graduação em Letras e na Pós-Graduação em Linguística. Coordena o Grupo de Estudos Discurso & Gramática.
mmcezario@gmail.com

ⁱⁱⁱ Graduada em Português/Licenciaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É integrante do Grupo de Estudos Interdisciplinares: Linguagens, Mídia e Cultura Pop.
Raquel_cardoso_brito@hotmail.com

speech of people with low degree of formal education and that the construction is multifunctional, contributing to express breaking expectations, emphasis, textual progression, among other functions.

Keywords: Clauses with connective [só que] [however]; Functional approach of Linguistics; Multifunctionality.

INTRODUÇÃO

De acordo com Cezario, Silva e Santos (2015), a língua portuguesa tem uma construção muito produtiva para formar conectivos: a construção [Xque]_{CONNECT} (LONGHIN, 2003; FERNANDES, 2019). Essa é responsável pela instanciação de diversos conectivos, tais como *ainda que*, *mesmo que*, *sempre que*, *visto que*, *toda vez que*, *dado que*, *se bem que*, dentre outros.

O presente artigo tem como objetivo geral analisar orações introduzidas por um desses conectivos no português contemporâneo, o [só que]. Vale ressaltar que tal conector não é mencionado em algumas das principais gramáticas tradicionais brasileiras, a saber: *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra e *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Carlos Henrique da Rocha Lima.

Para nossa análise, utilizamos dados, como:

(1) “(...) teve uma festa que eu fui...mi/ aí minha irmã também/ ela ia só que ela não queria que eu fosse com ela... então eu fiquei chorando em casa... não fui pra festa... aí ela foi... **só que aí bateu uma amiga minha lá na porta de casa** me chamando pra ir... em seguida eu fui... aí chegando lá tive a maior decepção...” (*Corpus Discurso & Gramática*).

(2) “aí depois eu e minha irmã passamos a frequentar a igreja... a igreja católica ali na:: Vila Pereira Carneiro... e:: de repente a gente () deu de cara com ele... **só que na época a gente nem lembrava mais... muito bem...**” (*Corpus Discurso & Gramática*).

Quais são os papéis semântico-discursivos dessa construção conectiva? Em que contextos sociais ela é mais usada? Que tipo de processo de integração de orações ela se

íntegra? Nossa pesquisa procura responder essas e outras questões e trazemos aqui parte dos resultados que encontramos.

Para efetuarmos nosso estudo, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística (Funcional) Centrada no Uso (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010; CEZARIO; ALONSO; CASTANHEIRA, 2020), perspectiva que tem como foco de interesse o estudo da língua em uso com base nas funções que esta desempenha nas diversas atividades discursivas do cotidiano social. Essa abordagem une os fundamentos básicos do Funcionalismo Norte-americano e da Linguística Cognitiva, particularmente da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006; 2019), observando a língua como uma rede de construções na qual a gramática e o discurso estão ligados por meio de uma simbiótica relação.

Os dados foram coletados do *Corpus Discurso & Gramática*, destacando as seções Rio de Janeiro e Niterói. Diante da revisão da literatura, da observação inicial dos dados e das características do *corpus* usado, estabelecemos alguns fatores de análise, dos quais três serão apresentados neste artigo: modalidade (oral ou escrita), grau de escolaridade e papel discursivo. Esses fatores estão diretamente ligados aos nossos objetivos específicos: (i) observar frequência de orações com [só que] nas modalidades falada e escrita e nos diferentes graus de escolaridade e (ii) mapear os papéis discursivos de orações iniciadas por [só que].

Ligados a esses objetivos, postulamos as seguintes hipóteses: a) as orações com a construção [só que] tendem a ocorrer mais na modalidade falada e com indivíduos com menor grau de escolaridade, visto que sua entrada é recente na língua portuguesa (LONGHIN, 2003) e seu uso ainda não é previsto nas gramáticas normativas; e b) as orações com [só que] apresentam diferentes papéis discursivos, tendo como papel prototípico a quebra de expectativa (cf. LONGHIN, 2003).

Destacamos, ainda, que o artigo será organizado da seguinte forma: na próxima seção, apresentaremos os pressupostos teóricos que embasam a nossa pesquisa; na seção “[Só que]: tradição e estudos linguísticos”, trataremos a revisão feita nas gramáticas tradicionais e nos estudos linguísticos; na “Metodologia”, explicitaremos os passos envolvidos no trabalho e as características do *corpus* usado, bem como os objetivos e as hipóteses que guiarão a pesquisa; na seção “Análise”, apresentaremos as análises

qualitativa e quantitativa; nas seções finais, traremos as considerações finais e as referências bibliográficas.

1. A ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Conforme dissemos, esta pesquisa utiliza os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística (Funcional) Centrada no Uso (LFCU). Nessa perspectiva, aspectos basilares da vertente funcionalista, como iconicidade, marcação e transitividade passam a ser analisados à luz de uma perspectiva cognitivo-funcional em que são considerados diferentes processos cognitivos e uma abordagem construcionista baseada no uso. Para a LFCU, os falantes moldam o discurso para atender a seus objetivos comunicativos e se comunicam por meio de uma gramática que é composta por uma rede de construções linguísticas criadas e modificadas no uso.

A abordagem funcionalista procura entender as padronizações observadas nos contextos de uso real da língua, em que a sintaxe, a semântica e a pragmática atuam de modo simbiótico e não são níveis independentes. Nessa visão, a língua é instrumento de interação e um mecanismo com fins comunicativos, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto independente, mas que funciona a partir de uma estrutura maleável.

Para a LFCU, os usos estão diretamente relacionados às restrições cognitivas ligadas às experiências e aos processos de compreensão e armazenamento na memória. A gramática, então, está ligada às atividades comunicativas compartilhadas pelos interlocutores no processo interacional. Cada construção que participa da rede é uma unidade simbólica com forma e função, tendo a forma propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas; e a função tendo propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas (CROFT, 2001). Dessa forma, o conectivo [só que] é uma construção com forma e função e nosso objetivo aqui é verificar que funções esse conectivo pode ter em contextos reais de uso e que modalidade e grupo social (tendo em vista a escolaridade dos informantes) utilizam mais esse conectivo.

Sendo assim, na LFCU, são considerados aspectos internos e externos ao sistema linguístico, pois são analisadas questões cognitivas, sociais, históricas, pragmáticas, textuais e formais atreladas a diferentes fenômenos da língua em uso e em processos de variação e mudança. As estruturas linguísticas, nesse novo olhar, são tidas como

construções, resultantes da atuação de regularizações e unificações ligadas aos processos de criação e inovação, gerando diferentes combinações de unidades formais fixas, compostas por distintas propriedades discursivas. Na abordagem aqui adotada, então, os aspectos culturais são analisados como fatores de relevante importância no estudo da língua, já que os usos linguísticos são entendidos como resultantes das necessidades comunicativas humanas.

Bybee (2010) postula que essa perspectiva teórica considera a língua como um sistema adaptável a partir das variações dos contextos comunicativos em que os falantes estão inseridos, levando a constantes mudanças linguísticas e expansões gramaticais. Além disso, a autora defende que processos cognitivos de domínio geral estejam diretamente ligados ao sistema linguístico e influenciem o seu funcionamento.

Martelotta (2011) aponta que os usos das estruturas estão diretamente ligados aos seus contextos comunicativos. Logo, a língua e, por conseguinte, seu sistema linguístico nunca estão estáticos, ao passo que os indivíduos estão a todo o momento realizando links de sentido e construindo novas interpretações, ou seja, funções para construções que já estavam presentes na sua experiência enquanto falantes de uma língua. Sendo assim, a gramática é continuamente alimentada pelo discurso, constituindo uma relação simbiótica.

Assim, na visão da LFCU, a dinamicidade dos usos linguísticos está diretamente relacionada aos seus múltiplos contextos comunicativos e, conseqüentemente, a questões sociointeracionais. Com isso, o momento histórico, a modalidade da língua (fala ou escrita) e o gênero textual são questões que devem ser levadas em consideração na análise efetiva da língua. Da mesma forma, o perfil do falante pode ser determinante para essa discussão e, por conseguinte, a caracterização de sua escolaridade, sua faixa etária e seu gênero devem, sempre que possível, ser observadas pelo analista.

Tais questões se unem a uma abordagem cognitivista, pois é adotada uma perspectiva sociocognitiva de língua. Portanto, a união entre discussões pragmáticas e estruturais envolve a intrínseca relação entre processos cognitivos presentes na mente do falante, suas experiências de mundo e os padrões linguísticos. O discurso, então, não se dissocia da gramática e ambos estão diretamente ligados a todas as informações presentes na mente de cada interlocutor, o que faz com que sejam feitas inferências e analogias.

Destacamos, por fim, que nosso objetivo neste artigo não é mostrar os passos da mudança que levaram à formação do conectivo [só que] relacionando-os aos processos cognitivos, mas mostrar quais são os usos desse conectivo no português brasileiro contemporâneo, como um novo conector introdutor de construções oracionais paratáticas, mapeando, para isso, seus diferentes usos.

2. [SÓ QUE]: TRADIÇÃO E ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Tradicionalmente, as conjunções são tidas como os elementos que ligam termos e orações. No entanto, essa discussão passou a ser repensada e expandida diante das investigações linguísticas baseadas no uso, segundo as quais, há, em sentido mais amplo, conectores que constroem e conectam não apenas palavras e orações, mas também o discurso. Além disso, como aponta Rodrigues (2018), tais conexões podem ser feitas também por preposições, advérbios e outros itens, o que reforça a necessidade de discutir a análise desses elementos a partir de sua flutuação categorial e da noção de protótipos.

Barreto (1999), por exemplo, demonstra que não há entre as conjunções coordenativas e subordinativas fronteiras rígidas, mas um *continuum* em que elas podem ser analisadas. Ingressando na língua a partir do processo de gramaticalização, muitos desses elementos apresentam esvaziamento semântico e, por isso, são combinados a outros conectores. De acordo com Gonçalves (2014), nesses casos, não há uma mera redundância sintática, pois podem estar envolvidas outras questões, como o reforço argumentativo e o uso de um dos elementos como um marcador discursivo.

Outro aspecto relevante no estudo dos conectivos em perspectiva funcionalista é sua multifuncionalidade. Rodrigues (2018), por exemplo, defende que um mesmo elemento pode apresentar diferentes flutuações de sentido, sendo enquadrado em distintas classificações a depender do contexto em que esteja inserido. De acordo com a autora, um exemplo é o conectivo “quando”, que pode apresentar valor temporal, condicional, causal, concessivo e proporcional. Ou seja, não é possível se guiar apenas pelo que prevê os compêndios gramaticais, nem definir o papel de um conector no discurso sem considerar seu contexto de uso, rompendo com as tradicionais listas de conectores difundidas, sobretudo pela escola.

Buscamos, em estudos linguísticos, discussões que pudessem colaborar com a nossa pesquisa e, para isso, recorreremos a trabalhos sobre o [só que] e sobre outros conectores adversativos, visto que, em nossa análise, percebemos que apresentava características sintáticas e discursivas que o aproximavam das conjunções adversativas apresentadas pela gramática tradicional, sobretudo o “mas”.

Um desses trabalhos foi Longhin (2003), que realizou um estudo funcionalista acerca da formação das conjunções do latim ao português. Longhin (2003) demonstra todas as características dos usos de “só” e da partícula “que”, separadamente, realizando um extenso estudo sobre conjunções, para, assim, construir reflexões sobre o [só que] – considerado no trabalho como locução conjuntiva –, a partir de seus aspectos formais e funcionais, enfatizando suas acepções de sentido. A autora também faz a comparação entre a conjunção “mas” e o [só que] e demonstra estudos anteriores sobre esse assunto.

O aspecto que mais contribuiu para a nossa pesquisa foi o postulado de um sentido básico para o [só que], a quebra de expectativa. De acordo com a autora, essa noção está relacionada às expectativas que os falantes apresentam a respeito do que acreditam ser apropriado ou esperado no mundo. As expectativas são os padrões característicos do mundo com o qual o falante tem familiaridade, que ele tem em mente, ou que ele pensa que o ouvinte tem, em um contexto relevante.

A quebra de expectativa, nesse sentido, equivale a toda a situação em que, de alguma forma, há divergência entre aquilo que se diz e aquilo que é esperado. O quadro se complica quando, na interação, os interlocutores têm expectativas diferentes a respeito de certo assunto. Isso acontece com relativa frequência e se deve a fatores, como idade, sexo, status social, bagagem cultural e ideologia (LONGHIN, 2003). Diante dos postulados da autora, testaremos, unindo a proposta qualitativa à análise quantitativa dos dados, os papéis discursivos de [só que], seguindo a ideia de que a quebra de expectativa é sua função prototípica.

Ao analisarmos nossos dados nos seus contextos de uso, porém, percebemos que esse conector apresenta diversas funções e que era necessário mapeá-las de forma mais sistemática, o que nos levou a recorrer ao trabalho de Santos (2003). Nesse trabalho, à luz da Linguística do Texto, a autora investiga os articuladores “e”, “mas”, “aí” e “então” em textos da literatura infantil e discorre sobre seus valores discursivos nos contextos apresentados. O uso dessa obra está ligado a termos percebido, inicialmente, que [só que]

apresentava algumas semelhanças com o “mas” e, diante disso, algumas questões discutidas poderiam ser incorporadas à nossa pesquisa.

Em um dos tópicos, a autora elucida uma possível proximidade semântica entre o [só que] e o “mas”, o que nos proporcionou o destaque desse estudo para auxiliarmos na nossa pesquisa. A autora apresenta a multifuncionalidade semântica do operador argumentativo “mas” em diversos contextos de usos, demonstrando, assim, que a situação comunicativa molda a aceção semântica desse conector, da mesma maneira que acreditamos ocorrer com o [só que].

De acordo com Santos (2003), o “mas” apresenta os papéis de ruptura, retomada, progressão temporal, adição, mudança de condução da narrativa, interpelação, ênfase, contestação, quebra de expectativa, retificação e ressalva. Além disso, ela demonstra que os conectores – denominados pela autora como articuladores – podem ocorrer conjuntamente, como em “e aí”, “mas então”, “e então” e “mas aí”. Gonçalves (2014) defende que o “mas” pode ser combinado com outros conectores, formando estruturas, como “mas porém”, “mas todavia”, “mas entretanto” e “mas só que”.

Ao analisar a frequência de uso dessas formas, a autora aponta que a mais frequente das combinações é “mas só que”, sendo a maior parte dos dados em modalidade oral. Já na modalidade escrita, a combinação mais frequente é “mas entretanto”, o que, para Gonçalves (2014), está relacionado ao fato de que esse conector é mais marcado e mais frequente em textos escritos. Além disso, esses resultados podem ser relacionados com os postulados de Longhin (2003), segundo a qual, o [só que] é uma forma recente no português. Dessa forma, isso explica sua maior frequência na modalidade oral, tendo em vista sua tendência ao menor grau de monitoramento.

Ressaltamos, por fim, que tais trabalhos adotam uma abordagem baseada no uso e consideram o contexto em que [só que] é utilizado, indo além de exemplos isolados e descontextualizados e destacando questões discursivas centrais para análise das orações introduzidas por esse conector, como gênero textual, modalidade e domínio discursivo. Assim, eles não analisam o conectivo de forma isolada, mas todo o seu contexto de uso, indo ao encontro de nossa perspectiva.

3. METODOLOGIA

Como já mencionado, nesta pesquisa, analisamos dados escritos e orais e, por esse motivo, optamos pelo *Corpus Discurso & Gramática*, disponível em <http://www.discursoeagramatica.lettras.ufrj.br/corpus.html>. Essa amostra é composta por textos divididos a partir do grau de escolaridade (classe de alfabetização, 4ª série e 8ª série do Ensino Fundamental, 3ª série do Ensino Médio e último ano do Ensino Superior), modalidade (falada e escrita), sexo (feminino e masculino) e categorias textuais (relato de opinião, narrativa recontada, relato de procedimento, narrativa de experiência pessoal e descrição de local).

Diante disso, coletamos e analisamos todos os dados de [só que], presentes nas seções Rio de Janeiro e Niterói do *corpus*, a partir de um viés quantitativo e qualitativo, buscando padrões por meio dos contextos que surgiram com as análises. Encontramos, no total, 137 ocorrências. Assim, alguns fatores abarcam uma análise mais quantitativa enquanto outros englobam mais características qualitativas, como veremos mais adiante.

Os fatores de análise escolhidos para esta pesquisa foram elaborados tanto pelas possibilidades que o *Corpus Discurso & Gramática* nos proporciona, como a sua divisão pelo grau de escolaridade do falante, quanto pelos textos já escritos e revisitados na revisão bibliográfica acerca do conectivo [só que]. A partir desses aspectos, elaboramos os seguintes fatores de análise que serão explicados, de forma mais detalhada, na seção de análise:

- modalidades: fala e escrita;
- graus de escolaridade: alfabetização, 1º grau, 2º grau e 3º grau;
- papéis discursivos: restrição, quebra de expectativa, progressão temporal, ênfase, contestação, retificação e mudança de condução discursiva.

4. ANÁLISE DOS USOS DE ORAÇÕES INTRODUZIDAS POR [SÓ QUE]

Como dissemos, o objetivo geral deste estudo é discutir os usos do conector [só que] no português brasileiro contemporâneo a partir dos pressupostos teóricos da abordagem funcionalista. É importante ressaltar que nosso objeto de estudo não está prescrito nas gramáticas normativas da língua portuguesa e que alguns linguistas que

estudaram o mesmo objeto chegaram à conclusão de um possível caráter adversativo do [só que], além de sua combinação com o “mas” e de seus diferentes papéis discursivos.

Diante dessas questões, analisaremos os usos de [só que] em relação a alguns fatores, como discutiremos nas subseções a seguir:

4.1. Modalidade e escolaridade

Um dos fatores analisados em relação ao [só que] foi o mapeamento da modalidade em que esse conector ocorre, permitindo a medição da frequência se mais na fala, ou na escrita. Ressaltamos, porém, que não consideramos a fala e a escrita como categorias estanques, mas como um *continuum* em que podemos observar textos fluidos, mais orais e textos com características menos orais. Ou seja, apesar de utilizarmos a nomenclatura “fala” e “escrita” pela divisão efetuada no *corpus*, ressaltamos que elas não podem ser tratadas e forma dicotômica.

Assim, como aponta Marcuschi (2001, p. 19),

a visão monolítica da língua leva a postular um dialeto de fala padrão calcado na escrita, sem maior atenção para as relações de *influências mútuas* entre fala e escrita. Certamente, *não se trata de ensinar a falar*. Trata-se de identificar a imensa riqueza e variedade de usos da língua. Talvez, a melhor maneira de determinar o lugar do estudo da fala em sala de aula seja especificando os aspectos nos quais um tal estudo tem a contribuir (grifos do autor).

O trecho acima reforça a proposta apresentada neste trabalho de que a língua não é estática, ou seja, está sempre se modificando de acordo com o tempo e seus falantes. Por esse motivo, as mudanças que ocorrem na língua não podem ser ignoradas na abordagem funcionalista, já que os falantes estão diariamente em contato com os novos usos da língua.

Podemos verificar, a seguir, um exemplo de cada modalidade:

a) Fala

(3) “o colégio precisa de uma pintura geral...os alunos reclamam... mas... o mesmo ano é a mesm/todo ano é a mesma coisa... o ventilador... ele fica/ é um ventilador de teto... né? comum... **só que ele não é ((riso)) como os outros...** ele fica pendurado e conforme

ele roda... ele balança... então ele fica... parecendo aqueles aviõozinhos de brinquedo?” (Corpus Discurso & Gramática).

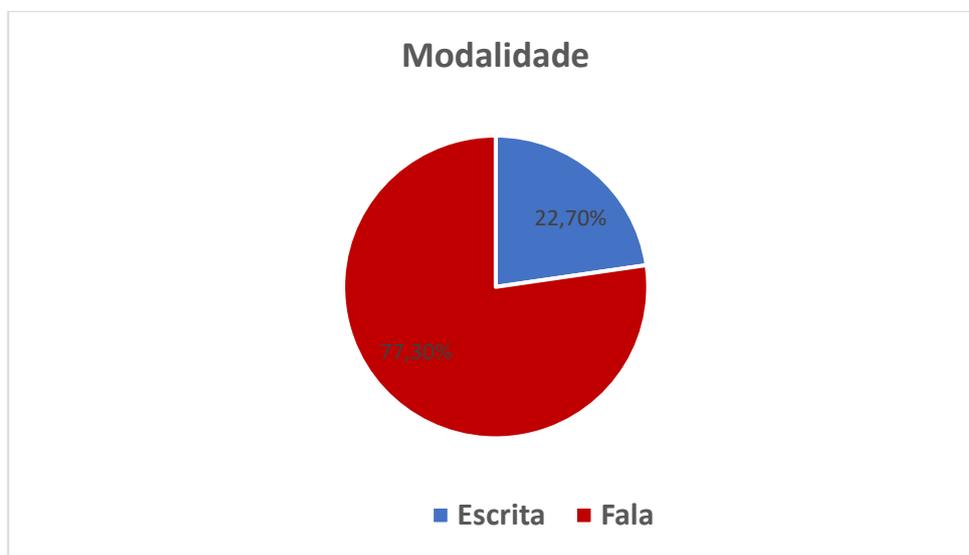
b) Escrita

(4) “O ônibus já estava quase andando, mas o motorista a tinha visto e resolveu parar o ônibus para esperá-la, **só que ela demorou muito** e os passageiros começaram a gritar pro motorista dar a partida.” (Corpus Discurso & Gramática).

Diante dessas categorias, analisamos os dados, observando se ocorriam na fala ou na escrita para que pudéssemos testar a hipótese de que o [só que] seria mais frequente na fala do que na escrita devido ao fato de apresentar um estatuto mais novo na língua portuguesa (cf. LONGHIN, 2003) e por não estar previsto nas gramáticas normativas.

A análise quantitativa desses dados em relação à modalidade pode ser observada no gráfico 1:

Gráfico 1: Frequência de [só que] em relação às modalidades



Fonte: Brito (2019)

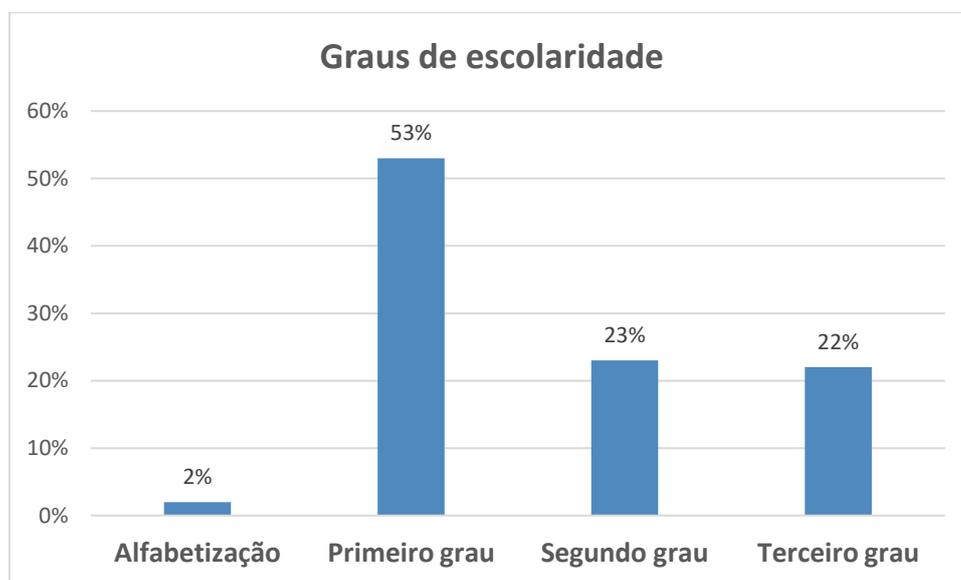
A partir do gráfico acima, podemos perceber que, dos 137 dados coletados, 77,3% ocorreram na modalidade falada e 22,7% na modalidade escrita. Dessa forma, podemos observar que a maior parte dos nossos dados são de textos orais, o que corrobora nossa hipótese inicial de que o [só que] seria mais frequente na modalidade falada.

Defendemos que esses resultados estão ligados ao fato de o [só que] ser uma construção nova na língua (LONGHIN, 2003; BRITO, 2019), o que faz com que seja mais usado em contextos menos monitorados, como tende a ser a modalidade falada. Além disso, a ausência de prescrição do [só que] nas Gramáticas Normativas nos indica que ele não foi adquirido via escolarização, mas pelo contato dos falantes com a língua em contextos interacionais, o que reforça a ideia de um uso mais informal e, portanto, mais passível de ser utilizado pelos falantes em textos menos monitorados, o que, nesse estudo, está ligado à modalidade falada.

Outro fator analisado, como dissemos, foi o grau de escolaridade dos informantes. No *Corpus Discurso & Gramática*, os textos estão distribuídos segundo as seguintes séries: alfabetização, primeiro, segundo e terceiro grau.

Diante disso, apresentamos o gráfico 2 com a distribuição da frequência de [só que] nos diferentes graus de escolaridade:

Gráfico 2: Frequência de [só que] em relação aos graus de escolaridade



Fonte: Brito (2019)

Após a coleta e análise de dados, percebemos que a maioria das ocorrências com o [só que] foram com indivíduos que cursaram até o primeiro grau, totalizando 53% dos dados analisados. Por outro lado, obtivemos 23% no segundo grau e 22% no terceiro grau. É necessário ressaltar, ainda, que a amostra da alfabetização é muito pequena, portanto, o número de dados, 2%, também é muito pequeno. Esses resultados confirmaram nossa

hipótese inicial de que o [só que] seria mais frequente no discurso de indivíduos com menor escolaridade.

Essa informação pode ser explicada pelo fato de o [só que] não ser uma estrutura prescrita nas gramáticas normativas. Dessa maneira, ao passo que as crianças entram em contato com outros conectores durante o processo de ensino-aprendizagem, as possibilidades para preencher o *slot* das adversativas são maiores. Assim, defendemos que, provavelmente, há uma expansão no inventário de conectivos adversativos do aluno e, por isso, os usos de [só que] tendem a diminuir. Por esse motivo, o uso do [só que] diminui de maneira gradual enquanto o nível de escolaridade do falante aumenta.

4.2. Papéis discursivos

Além da discussão sobre a modalidade e a escolaridade, também analisaremos os papéis discursivos das orações iniciadas por [só que]. Em Longhin (2003), é defendido que o papel prototípico desse elemento é a quebra de expectativa, o que nos levou a utilizar tal postulado como nossa hipótese. Para análise qualitativa e quantitativa dos dados, também recorreremos à pesquisa de Santos (2003), pois a autora apresenta alguns papéis pragmáticos do conector “mas” que utilizamos nesta investigação. Essa análise considerou todo o contexto vinculado ao [só que], ou seja, o trecho em que ele estava inserido e todo seu entorno, como veremos a seguir:

a) Restrição – o conectivo [só que] apresenta papel restritivo quando acrescenta uma informação nova que delimita algum aspecto relacionado ao contexto que o antecede; em outras palavras, esse papel restringe/caracteriza o contexto anteposto, como no exemplo a seguir:

(5) “eu vou contar uma história triste... eu tinha um/ quando eu estudava no segundo grau... quando eu fiz meu segundo grau... ali na Escola Estadual Antônio Prado Júnior... na Praça da Bandeira... eu tinha dois amigos... um era o Jucinei... e o outro era o Paulo... passado muito tempo... nós acabamos o segundo grau... cada um entrou pra uma faculdade... aí nunca mais nós nos vimos... **só que o Paulo era um cara meio doidão...** entendeu? era envolvido com... negócio de tóxico...” (*Corpus Discurso & Gramática*).

No exemplo, a construção [só que] introduz uma oração que acrescenta à informação antecedente – “aí nunca mais nós nos vimos” – um novo comentário e determina uma característica a um novo referente – “só que Paulo era um cara meio doidão”. Dessa maneira, o conectivo contribui, nesse contexto, para restringir o conteúdo expresso.

b) Quebra de Expectativa – este papel ocorre quando o conector marca a existência de uma quebra de expectativa em relação à informação dada anteriormente no contexto. Ou seja, é possível detectar um rompimento do que era esperado para a fluência do discurso. Podemos ver um exemplo em (6):

(6) “(...) Eu peguei o carro e fui dirigindo alucinadamente até que no Rebouças, um Voyage surgiu na minha frente e eu não pude desviar. Depois da batida eu perdi a direção do carro e ele foi se arrastando uns cem metros pelo paredão do túnel. A Andréia que estava do meu lado e com o vidro aberto, ficou desesperada, porque além do nervosismo da batida, a fuligem e a sujeira do paredão voou toda na cara dela e ela estava toda preta. Ela começou a gritar para eu tirar o carro dali e ir embora, **só que o carro não andava de jeito nenhum.**” (*Corpus Discurso & Gramática*).

Como podemos observar no exemplo selecionado, a construção [só que] introduz uma oração que apresenta uma quebra de expectativa no contexto, já que de acordo com a informação previamente apresentada – “Ela começou a gritar para eu tirar o carro dali e ir embora” – esperava-se que “o carro” ligasse prontamente, porém isso não aconteceu – “só que o carro não andava de jeito nenhum”. Sendo assim, podemos dizer que o conectivo contribui para o papel de quebrar a expectativa presente no discurso.

c) Progressão Temporal – o papel de progressão temporal pode ser verificado quando o conectivo reforça a continuidade temporal do contexto em que está inserido. Geralmente, a construção [só que] apresenta esse valor em sequências narrativas, como em (7):

(7) “(...) então teve uma vez que eu estava na sala... estava a turma toda na maior bagunça e... ela achou que eu estava ocasionando aquela bagunça toda... então:: eu tive que/ ela me tirou do meu lugar e me colocou pra sentar na frente... do lado da mesa dela... **só que... passou uns cinco minutos...** e a menina que sentava naquele lugar chegou... então eu tive que sair do lugar e fiquei em pé... porque a sala estava toda/ estava cheia... né?” (*Corpus Discurso & Gramática*).

No exemplo (7), podemos verificar que a construção [só que] colabora para a construção de um desenvolvimento temporal no contexto em que se insere, visto que, nesse caso, o [só que] contribui para a fluência narrativa ao introduzir “passou uns cinco minutos”. Ou seja, há uma sequenciação temporal entre a mudança de localização da informante.

d) Ênfase – o papel de ênfase é aplicado, geralmente, para reforçar uma exclamação ou uma interrogação retórica. Além disso, funciona como réplica de uma informação dada previamente no contexto, como o exemplo abaixo:

(8) “bom... você pega... eh... duas... duas xícaras de leite... eh::... cinco colheres de maisena... e::... açúcar a gosto... coloca num fogo brando... e vai mexendo... **só que você tem que mexer...** eh:: num... num mesmo ritmo... e sem parar até engrossar... porque se não vai ficar cheio de bolinha... não fica legal... e::... você pode acrescentar... o sabor que você quiser... chocola::te... moran::go... o sabor que você quiser...” (*Corpus Discurso & Gramática*).

No exemplo acima, o conectivo [só que] apresenta papel de ênfase, ressaltando o que foi dito anteriormente. O [só que] reforça a ação de mexer (“vai mexendo”), quando introduz a informação “você tem que mexer”.

e) Contestação – o papel de contestação pode ser encontrado com maior recorrência em contextos discursivos, como diálogos. A finalidade da contestação é, na maioria das vezes, questionar um argumento precedente ou, ainda, atribuir uma tentativa de negar o que já foi dito, como em (9):

(9) “(...) o rico ele não está nem aí pro pobre... mas ele necessita do pobre para sobreviver... que o que seria o empresário sem o empregado? que seria o empregado sem o empresário? então () bom... que um desses precisa do outro... **mas só que...** sempre... como eu digo... é::... **um quer dizer que não precisa do outro...**” (*Corpus Discurso & Gramática*).

No exemplo (9), a construção [só que] é antecedida pela conjunção “mas”, o que reforça a ideia de adversidade de toda a oração. Em consequência disso, é possível perceber uma espécie de questionamento à informação antecedente – a configuração da relação patrão-empregado – argumentando que ambos alegam não precisar do outro. Ou seja, há um papel discursivo de contestação.

f) Retificação – o papel de retificação é percebido quando o conectivo apresenta uma correção à informação que foi expressa anteriormente, como no exemplo abaixo:

(10) “e em cima dessa pia tem... uma/ ah... é um tipo de uma prateleira **só que não é uma prateleira...** é uma parada bem alta... onde a gente pendura as panelas... tem várias panelas que... minha mãe comprou e que a gente pendura... é prático à beça... super prático... aí em cima do fogão tem o exaustor... e o que mais? é isso... eu acho que ...” (*Corpus Discurso & Gramática*).

Como pode ser visto no exemplo acima, o [só que] introduz uma oração que é, na verdade, uma correção do que foi expresso no discurso antecedente. Primeiro, é afirmado que é um tipo de prateleira e, depois, que não é prateleira, mas, como o informante não sabe o nome do objeto, ele chama de prateleira e, depois, corrige para “uma parada”. Sendo assim, dizemos que o conectivo assume, em contextos semelhantes a esse, o papel de retificação.

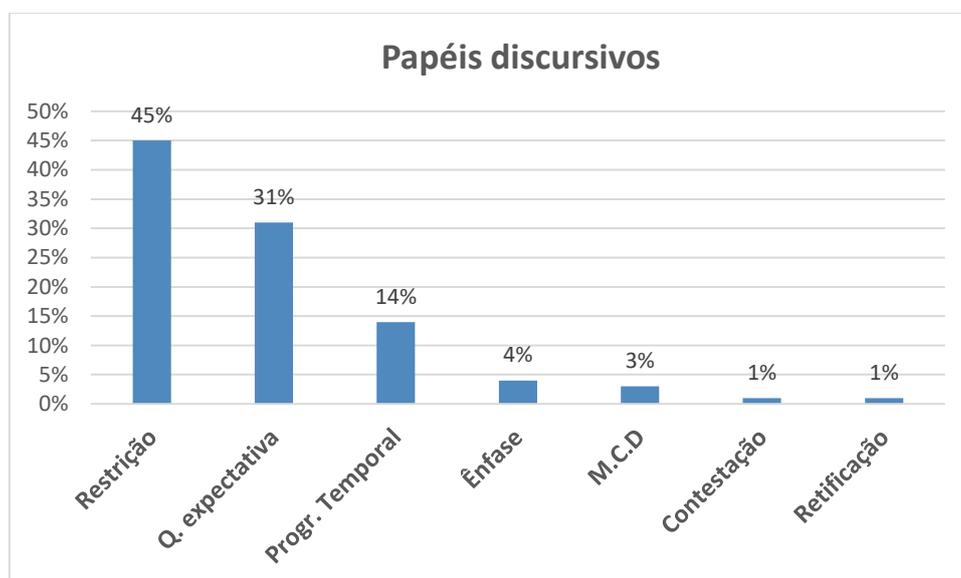
g) Mudança de Condução Discursiva – o papel mudança de condução discursiva ocorre quando o conectivo insere uma informação nova que modifica o desenvolvimento do contexto ao qual ele está inserido. Um exemplo pode ser visto abaixo:

(11) “(...) você entra na universidade... tremenda esperança... você... entra:: como todo o universitário... você tem uma esperança sobre a universidade que ela te dá... você entra... você gosta... que tem muita gente que desiste no meio do caminho... mas eu não... graças a Deus... adoro... amo de paixão o que faço... **só que** quando você chega na sua formatura... **eu acho que o maior presente que possam te dar é um emprego**... mas pra te dar esse emprego... o governo tem que resolver o problema econômico do país...”
(*Corpus Discurso & Gramática*).

Podemos verificar o papel de mudança de condução discursiva no exemplo supracitado, já que o conectivo [só que] introduz uma informação – “quando você chega na sua formatura” – que muda a condução da narrativa que vem sendo desenvolvida – “amo de paixão o que faço” – iniciando um novo assunto.

A partir da análise qualitativa acerca dos papéis discursivos dos usos da construção [só que], efetuamos uma análise quantitativa a qual pode ser vista no gráfico abaixo:

Gráfico 3: Frequência de [só que] em relação aos papéis discursivos



Fonte: Brito (2019)

Como podemos verificar no gráfico 3, o [só que] apresenta uma grande multiplicidade de papéis discursivos, tendo em vista que detectamos, nos dados

analisados, sete acepções funcionais. Entretanto, como já esperávamos, algumas funções foram mais recorrentes do que outras.

Levando em consideração os resultados apresentados no gráfico acima, conseguimos perceber que, dos 137 dados coletados, 45% destes têm papel restritivo, seguidos de 31% com papel de quebra de expectativa, 14% com progressão temporal e 4% com papel de ênfase. As demais funções (contestação, mudança de condução discursiva e retificação) apresentam um número muito pequeno de ocorrências. Dessa maneira, podemos dizer que o papel de restrição seria o mais frequente da construção [só que], o que refutou a hipótese que postulamos a partir de Longhin (2003), tendo em vista que, segundo a autora, a quebra de expectativa seria o papel primordial do [só que]. Na verdade, segundo nossos resultados, a quebra de expectativa é a segunda mais frequente em relação ao [só que], após a restrição.

É necessário ressaltar, porém, que, em sua análise, Longhin (2003) não fez uma análise quantitativa, focalizando apenas um olhar qualitativo, o que pode explicar as divergências de resultados. Vale dizer, ainda, que os resultados da nossa pesquisa se assemelham muito aos de Santos (2003) acerca do “mas”, o que aponta para a necessidade de explicitar, de forma mais clara, em pesquisas futuras, a relação entre esses conectores.

Gostaríamos de ressaltar que cerca de 20% dos nossos dados eram reforçados pelo conector [mas], como trecho a seguir com dois dados:

(12) “o que aconteceu comigo foi... quando eu... eu fui viajar... e fiquei lá muitos dias... fiquei sentindo falta daqui... que eu queria... estudar:... queria fazer tudo... **mas só que... lá estava chovendo muito...** eu não podia nem sair... aí eu queria fazer dever... mas eu estava de férias... por isso que eu queria... vim pra escola... **mas só que eu estava lá em Vassouras...**” (*Corpus Discurso & Gramática*).

Num primeiro momento, pensamos na possibilidade de haver uma outra construção formada por [mas só que]. Porém, a análise do fator “papéis discursivos” dos dados com “mas” em comparação com a análise dos dados sem “mas” não demonstrou diferença relevante. Vimos que o conector só que pode ter suas funções reforçadas pelo conector adversativo, é o que se denomina na literatura linguística dupla adversidade (cf. OLIVEIRA, 2009; GONÇALVES, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos aspectos abordados neste trabalho, podemos afirmar que o conectivo [só que] pode ser analisado sob um enfoque funcionalista, tendo como base contextos reais de comunicação. Em nossos resultados, demonstramos que ele tende a ocorrer mais na modalidade falada e em falantes cursando o antigo 1º grau, possivelmente por ser um conector novo na língua e por não ser aprendido via escolarização, conforme nossa hipótese inicial. Além disso, percebemos que o [só que] pode ser combinado com o “mas”, como havíamos definido em nossa hipótese por meio dos postulados de Gonçalves (2014).

Constatamos, ainda, que o [só que] apresenta diversas funções, tendo a restrição, com 45% dos dados analisados, como prototípica, o que refutou nossa hipótese, baseada nos estudos de Longhin (2003), que apresentava a quebra de expectativa como papel prototípico. É necessário ressaltar, porém, que esse resultado estabeleceu grande relação com os achados de Santos (2003) sobre o “mas”.

Por fim, ressaltamos que o *corpus* Discurso & Gramática é do início da década de 1990 e já apresenta o conectivo usado com várias funções e que, futuramente, é preciso verificar os usos da construção [só que] num *corpus* oral mais atual e em textos escritos com menor grau de monitoramento, como blogues e *chats*, pois a sua frequência e os seus papéis podem apresentar novas tendências de uso.

Referências

BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne. (Orgs.). *Usage based models of language*. Stanford, California: CSLI Publications, 2000.

BARRETO, Therezinha. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 1999. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999. 2 vol.

BRITO, Raquel Cardoso Bezerra. *Usos da construção [só que] na fala e na escrita*. 2019. Monografia – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CEZARIO, Maria Maura; SILVA, Thiago dos Santos; SANTOS, Monique. Formação da construção [Xque]conec no português. *E-escrita*, v. 6, n. 3, 2015. pp. 229-243.

_____.; ALONSO, Karen Sampaio.; CASTANHEIRA, Dennis. *Linguística Baseada no Uso: explorando métodos, construindo caminhos*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020.

FERNANDES, Monique. *A formação das microconstruções uma vez que, já que e assim que: uma abordagem cognitivo-funcional*. 2019. 158f. (Tese de Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

GOLDBERG, Adele. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. New Jersey: Princeton University Press, 2019.

GONÇALVES, Fabíola. Duplo conector adversativo: um caso de gramaticalização. 25 *Jornada do GELNE*. NATAL: EDUFRN, 2014. p. 1-9.

LONGHIN, Sanderléia. *A gramaticalização da perífrase conjuncional só que*. 2003. 217f.. (Tese de Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Contexto, 2001.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Maria José de. *Conectores adversativos na fala do natalense: uma análise funcionalista com implicações para o ensino*. 2009. 135f. (Dissertação em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

RODRIGUES, Violeta Virgínia. Uso(s) de conectores: uma abordagem funcional-discursiva. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 20 – Especial, p. 535-560, 2018.

SANTOS, Leonor Werneck dos. *Articulação textual na literatura infantil e juvenil (e, mas, aí, então)*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

Recebido em: 07/07/2021

Aceito em: 11/08/2021